

M E M O R I A L

de RENATA PALLOTTINI, apresentado à
Escola de Comunicações e Artes da
Universidade de São Paulo, para con-
curso ao cargo de Professor Assis-
tente no Conjunto de Disciplinas:

Teoria da Dramaturgia I

Teoria da Dramaturgia II e

Prática da Dramaturgia.

São Paulo

Setembro - 1988

Maurice
Lef
S. M.

M E M O R I A L

de RENATA PALLOTTINI, apresentado à
Escola de Comunicações e Artes da
Universidade de São Paulo, para con-
curso ao cargo de Professor Assis-
tente no Conjunto de Disciplinas:
Teoria da Dramaturgia I
Teoria da Dramaturgia II e
Prática da Dramaturgia.

São Paulo
Setembro - 1988

CURRICULUM VITAE

Renata Pallottini

Sumário

Dados Pessoais	1
Formação Educacional	2
Principais Cargos e Funções	4
Principais Atividades que desenvolveu, ligadas à Literatura, Teatro e Ensino	7
Livros Publicados	9
Peças de Teatro Publicadas	12
Peças de Teatro Originais	13
Traduções e Adaptações para Teatro	16
Principais Trabalhos para Televisão	18
Principais Prêmios e Distinções Recebidas	21
Integrou as seguintes Comissões Examinadoras de Exame de Qualificação (Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo)	23
Integrou as seguintes Bancas	25
Relação de algumas das Comissões para as quais foi nomeada pelos Srs. Diretores da Escola de Arte Dramática e da Escola de Comunicações e Artes, de 1976 a 1978	27
Participação em Debates, Conferências, Palestras, Aulas e Cursos desenvolvidos fora da Universidade de São Paulo	29
Fez parte do Juri de Premiação dos seguintes eventos, entre outros	34
Palestras, Debates, Cursos e Seminários, no âmbito da Universidade	36

Principais atividades desenvolvidas fora do Brasil e ligadas ao Teatro	38
Pequena notícia sobre Renata Pallottini	40
Arte Poética	48

Anexos (acompanham o Memorial)

Renata Pallottini

1988

RENATA PALLOTTINI

Filiação : Pedro Pallottini
Iracema M. Pereira de Souza.

Data de Nasc. : 28 de março de 1931.

Naturalidade : São Paulo, Brasil.

Nacionalidade : Brasileira.

Estado Civil : Solteira.

Endereço : Praça Amadeu Amaral, 84 - apto. 22
São Paulo - Capital
CEP 01.327 - Telefone : 288.0967.

DOCUMENTOS

Identidade : Cart. Ident. R.G. 1.261.009 - SSP.

CIC : 517.041.298 - 34.

Formação Educacional

1. Curso Primário e Ginásial

Ginásio Independência

São Paulo - Capital

Término em 1945.

2. Curso Clássico

Colégio Anglo-Latino

São Paulo - Capital

Término em 1948.

3. Curso de Direito

Faculdade de Direito (São Francisco)

Universidade de São Paulo

Título de Bacharel em Direito

Término em 1953.

4. Curso de Filosofia

Pontifícia Universidade Católica

São Paulo (São Bento)

Título de Bacharel em Filosofia

Término em 1951.

Título de Doutor em Artes

Obtido em Defesa de Tese

Escola de Comunicações e Artes

Universidade de São Paulo

(Doutoramento Direto)

Defesa de Tese em 1982.

I. Curso de Dramaturgia e Crítica

Escola de Arte Dramática

São Paulo (dois anos de duração)

término do curso em 1962.

II. Curso de Cultura Espanhola

Faculdade de Filosofia y Letras

Universidad de Madrid (um ano letivo)

1959 a 1960.

III. Curso de História da Arte e Literatura Espanhola

Instituto de Cultura Hispânica de Madri

Espanha - 1960.

Principais Cargos e Funções

. Que exerce atualmente

1. Professora Assistente Doutora
Departamento de Artes Cênicas
Escola de Comunicações e Artes
Universidade de São Paulo

2. Professora Nível III
Escola de Arte Dramática de São Paulo
Filiada à Escola de Comunicações e Artes
Universidade de São Paulo

3. União Brasileira de Escritores
Vice-Presidente

4. Pen Clube do Brasil
Membro da Diretoria

5. Clube de Poesia de São Paulo
Membro da Diretoria

6. Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Sócia

7. Associação Paulista de Autores Teatrais
Sócia.

. Já exercidos:

1. Centro Acadêmico XI de Agosto
Faculdade de Direito de São Paulo
Membro da Diretoria

1952 - 1953.
2. Clube de Poesia de São Paulo
Membro da Diretoria (em várias gestões).
3. União Brasileira de Escritores
São Paulo
Vice-Presidente

1964.
4. Membro da Comissão Estadual de Literatura da
Secretaria de Estado da Cultura
São Paulo

1959.
5. Comissão Estadual de Teatro
Secretaria de Estado da Cultura
Presidente

1969 - 1970.
6. Centro Brasileiro de Teatro
Filiado ao ITI/UNESCO
Presidente

1973 - 1974.
7. União Brasileira de Escritores
Membro da Diretoria e do Conselho Deliberativo
São Paulo (em várias gestões).

8. Escola de Arte Dramática
São Paulo
Diretora 1973 - 1975.
9. Associação Paulista de Autores Teatrais (APART)
Fundadora e 1ª Presidente
1985 - 1986.
10. Assessora para Assuntos de Teatro
Secretaria de Estado da Cultura
São Paulo
(de novembro de 1983 a junho de 1987).
11. Assessora Cultural
Secretaria do Menor
(de julho a dezembro de 1987).
12. Instituto Nacional de Artes Cênicas - INACEN
São Paulo
Representante da Secretaria de Estado da Cultura
1986 - 1987.

*Principais atividades que desenvolveu, ligadas
à literatura, teatro e ensino.*

1. Proferiu numerosas conferências e palestras sobre literatura e teatro, no Brasil e no Exterior.
2. Ministrou Curso de Dramaturgia a convite da Embaixada do Brasil em Roma, Itália, em 1985.
3. Fez parte do Juri de vários Festivais de Teatro Amador do Estado de São Paulo, entre os anos de 1967 a 1985.
4. Chefiou a Delegação da Escola de Comunicações e Artes ao Festival de Teatro de Manizales, Colombia, em 1969.
5. Chefiou a Delegação da Escola de Arte Dramática de São Paulo ao Festival de Teatro de Palermo, Itália, em 1975.
6. Assistiu a Curso de Teatro no Centre Censier, Sorbonne Nouvelle, Paris, França, em 1970/1971.
7. Assistiu, como Bolsista do Governo Espanhol, a cursos em Madri, Espanha, na Universidad de Madrid, entre 1959 e 1960.
8. Publicou numerosos trabalhos na imprensa nacional e estrangeira, sobre Teatro e Poesia, entre os anos de 1959 e 1986.
9. Fez parte de Comissões Julgadoras de vários prêmios de Teatro e Poesia, entre os quais:
Prêmio Bienal de Literatura
Prêmio Anchieta de Teatro

Prêmio Independência de Literatura

Prêmio "Mulheres Entre Linhas" de Poesia

Prêmio Cora Coralina de Poesia.

10. Ministrou Cursos de Dramaturgia, como extensão cultural da Universidade de São Paulo, em convênio com a Aliança Francesa, por três oportunidades, entre 1970 e 1975.
11. Ministrou Cursos de Dramaturgia, a convite da Universidade de Sergipe, em Aracaju, por várias oportunidades, entre 1980 e 1986.
12. Ministrou Curso de Dramaturgia Ilustrado, nas Oficinas Culturais Três Rios, sob o patrocínio da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, em 1986.
13. Foi fundadora e 1ª Presidente da Associação Paulista de Autores Teatrais (APART), em 1986.
14. Ministrou Curso de Dramaturgia, de dois meses, na Escola Internacional de Cine y Tv , de San Antonio de los Baños, Cuba, em março e abril de 1988.
15. Participou do Iº Congresso Brasileiro de Crítica e Pesquisa Teatral, realizado em São Paulo, em junho de 1988 .
16. Fez parte da Congregação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como representantes dos Professores da categoria de Mestres, de junho de 1975 a junho de 1977.

. POESIA

1. ACALANTO
Ed. Autora - 1952 - São Paulo.

2. O CAIS DA SERENIDADE
Ed. Elvino Pocai - 1953 - São Paulo.

3. O MONÓLOGO VIVO
Ed. da Autora - 1956 - São Paulo.

4. A CASA
Clube de Poesia - 1958 - São Paulo.

5. NÓS, PORTUGAL
Edição da Autora - 1958
Tavira, Portugal.

6. LIVRO DE SONETOS
Massao Ohno Editor - 1961 - São Paulo.

7. A FACA E A PEDRA
Brasil Editora - 1965 - São Paulo.

8. ANTOLOGIA POÉTICA
Editora Leitura - 1968 - Rio de Janeiro.

9. LIVRO DE SONETOS - (2ª edição)
Edições Comentário - 1970 - São Paulo.

10. OS ARCOS DA MEMÓRIA
Editora do Escritor - 1971 - São Paulo.
11. CORAÇÃO AMERICANO
Editora Meta - 1976 - São Paulo.
12. CHÃO DE PALAVRAS
Círculo do Livro - 1977 - São Paulo.
13. NOITE AFORA
Editora Brasiliense - 1978 - São Paulo.
14. CORAÇÃO AMERICANO - (2ª edição)
Ed. Feira de Poesia - 1979 - São Paulo.
15. CANTAR MEU POVO
Massao Ohno Editor - 1980 - São Paulo.
16. CEREJAS, MEU AMOR
Massao Ohno Editor - 1982 - São Paulo.
17. AO INVENTOR DAS AVES
J.R. Scortecci - 1985 - São Paulo.

. EM TRADUÇÃO

ANTOLOGIA POÉTICA

Lírica Hispana - 1958 - Caracas, Venezuela

TRES POEMAS

Papeles de sons Armadans - 1959 - Madri, Espanha.

. PROSA

MATE É A COR DA VIUVEZ

Contos - Ed. do Escritor - 1975 - São Paulo.

INTRODUÇÃO À DRAMATURGIA

Ensaio - Editora Brasiliense - 1983 - São Paulo.

TITA, A POETA

Infantil - Editora Moderna - 1984 - São Paulo.

O MISTÉRIO DO ESQUELETO

Infantil - Editora Moderna - 1985 - São Paulo.

Peças de Teatro Publicadas

"SARAPALHA"

Revista Diálogo - nº 8 - Novembro de 1957 - São Paulo.

"A LÂMPADA"

Revista Prisma - nº 6 - 1959 - São Paulo.

"GEMINIS"

Revista Academus - nº 18/19 - 1963 - São Paulo.

"O ESCORPIÃO DE NUMANCIA" (PRÊMIO ANCHIETA)

Conselho Estadual de Cultura - 1969 - São Paulo

"PEQUENO TEATRO"

Ed. Ilha Palma - 1970 - São Paulo.

"O CRIME DA CABRA"

Revista da SBAT - nº 394 - 1973 - Rio de Janeiro.

"A HISTÓRIA DO JUIZ"

Revista da SBAT - nº 407 - 1975 - Rio de Janeiro.

"PEDRO PEDREIRO"

Revista da SBAT - nº 458 - 1986 - Rio de Janeiro.

"COLONIA CECÍLIA"

Editora Tchê ! - 1987 - Porto Alegre.

* Principais Encenações

1. "A LÂMPADA"

* Teatro do Estudante de Campinas

Dir. Teresa Aguiar - 1960.

2. "SARAPALHA" (Adaptação do Conto de Guimarães Rosa)

* Escola de Arte Dramática de São Paulo (EAD)

Dir. Alberto D'Aversa - 1961/1962.

3. "O Exercício da Justiça"

* Escola de Arte Dramática de São Paulo (EAD)

Dir. da Autora - 1962.

* Faculdade Armando Alvares Penteado (FAAP)

Dir. Eugênio Kusnet - 1972.

4. "O CRIME DA CABRA"

* Cia Nydia Licia

Dir. Carlos Murtinho - 1965

(PRÊMIO MOLIÈRE e PRÊMIO GOVERNADOR DO ESTADO).

* GMDA - Avintes, Portugal

Dir. Monteiro de Meirelles - 1967

(PRÊMIO TEATRO AMADOR DE PORTUGAL).

* Rotunda

Dir. Teresa Aguiar - Campinas- 1986.

5. "NU PARA VINICIUS"

* Teatro de Grupo

Dir. Egidio Eccio - 1964 - São Paulo.

6. "PEDRO PEDREIRO"
 - * Escola de Arte Dramática de São Paulo (FAD)
 - Dir. Silney Siqueira - 1969
 - (Estreia em Manizales - Colômbia).

7. "JOÃO GUIMARÃES, VEREDAS"
 - * Cia. Nydia Licia
 - Dir. Teresa Aguiar - 1972.
 - * Teatro da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
 - Dir. Haydée Bittencourt - Belo Horizonte - 1972.

8. "O ESCORPIÃO DE NUMÂNCIA"
 - * Teatro Rotunda
 - Dir. José Rubens Siqueira - São Paulo - 1970
 - (PRÊMIO ANCHIETA DE TEXTO).

9. "A HISTÓRIA DO JUIZ"
 - * Grupo Teatral Equipe
 - Dir. Eloy Araújo - São Paulo - 1971.
 - * Grupo de Teatro Libra
 - Dir. Lutero Luiz - Rio de Janeiro - 1974.

10. "SERENATA CANTADA AOS COMPANHEIROS"
 - * Candeia Produções Artísticas
 - Dir. Fausto Fuser - 1976 - São Paulo.

11. "MELODRAMA"
 - * Teatro Cenarte
 - Dir. Anamaria Dias - São Paulo - 1982.

12. "COLONIA CECÍLIA"

* Fundação Teatro Guaíra

Dir. Ademar Guerra - Curitiba - 1984.

13. "CAMINHO ..."

* Teatro Rotunda

Dir. Teresa Aguiar - São Paulo - 1986.

14. "RODINETE"

* Teatro Lua Nova

Dir. Elvira Gentil - São Paulo - 1988.

Traduções e Adaptações para Teatro

(Espetáculos)

1. "HAIR"
J. Rado e G. Ragni - Dir. Ademar Guerra - 1969
(PRÊMIO MELHOR TRADUÇÃO - UCBEU - RIO).
2. "TOM PAINE"
Paul Foster - Dir. Ademar Guerra - 1970.
3. "MULHERES À BORDO"
G. Haimson e R. Miller - Dir. Eloy Araujo - 1973.
4. "GODSPELL"
J.M. Tebelach e S. Schwartz - Dir. Altair Lima - 1973.
(PRÊMIO MELHOR TRADUÇÃO - UCBEU - RIO).
5. "LULU"
F. Wedekind - Dir. Amadeu Guerra - 1974
(PRÊMIO MELHOR TRADUÇÃO - APCA - S. PAULO).
6. "A VIDA É SONHO"
Calderón de la Barca - Dir. Celso Nunes - 1978.
7. "DIVINAS PALAVRAS"
R. Valle Inclán - Dir. Iacov Hillel - 1980 e 1986.
8. "AH!MÉRICA"
Coletânea - Dir. Odavlas Petti - 1985.

9. "O CAMALEÃO"

A. Tchecov. Dir. Reinaldo Santiago - 1985.

10. "SIMON"

Isaac Chocrón - Dir. Francisco Medeiros - 1985.

11. "TOPOGRAFIA DE UM DESNUDO"

Jorge Diaz - Dir. Teresa Aguiar - 1986.

Principais Trabalhos para Televisão

1. "SARAPALHA"

(Adaptação de Guimarães Rosa) - TV Tupi

São Paulo - 1958.

2. "TENSÃO"

TV Excelsior - Dir. Ademar Guerra

São Paulo - 1961.

3. "O CRIME DA CABRA"

TV Excelsior - Dir. Ademar Guerra

São Paulo - 1961.

TV Excelsior - Dir. Tarcísio Meira

São Paulo - 1966.

4. "PATROA, A AMNÉSIA"

TV Record - Dir. Alberto D'Aversa

São Paulo - 1966.

TV Globo -

Rio - 1966.

5. "VILA SÉSAMO" (Série Infantil)

TV Globo - Dir. Ademar Guerra

São Paulo - 1972.

6. "TEMPO DE NASCER"

TV Bandeirantes - Dir. Ademar Guerra

São Paulo - 1974.

7. "O JULGAMENTO" (Telenovela)
TV Tupi
São Paulo - 1976/1977.

8. "SAPIQUÁ"
TV Globo - Dir. Fabio Sabbag
Rio - 1977.

9. "RIBALTA" (Série)
TV Tupi - Dir. A. Abujamra
São Paulo - 1977.

10. "MALU MULHER" (Série)
TV Globo
Rio - 1979.

11. "CABARET LITERÁRIO" (Série)
TV Cultura
São Paulo - 1980.

12. "JOÃO MIGUEL"
(Adaptação de Raquel de Queiroz)
TV Cultura - São Paulo - 1981.

13. "A CASA, O CORVO E O CORAÇÃO"
(Adaptação de E.A.Poe)
TV Cultura - São Paulo - 1981.

14. "NEM REBELDES, NEM FIÉIS"
(Adaptação de Ondina Ferreira)
TV Cultura - São Paulo - 1981.

15. "ROSA BAIANA"
(Telenovela de Lauro Cesar Muniz)
TV Bandeirantes - São Paulo - 1981
(Participação).

16. "OS IMIGRANTES"
(Telenovela - 2ª Fase)
TV Bandeirantes - São Paulo - 1982
(Co-redação).

17. "JOANA" (Série)
TV Globo - São Paulo - 1984.

Principais Prêmios e Distinções Recebidas

Prêmio de Poesia PEN CLUBE DO BRASIL

São Paulo - 1961.

Prêmio de Teatro GOVERNADOR DO ESTADO

São Paulo - 1965.

Prêmio MOLIÈRE de Teatro

São Paulo - 1965.

Prêmio de Teatro ANCHIETA

São Paulo - 1969.

Prêmio Concurso Teatro Amador

Lisboa - Portugal - 1967.

Prêmio UCBEU Tradução para Teatro

Rio de Janeiro - 1971.

MEDALHA DO MÉRITO DA CÂMARA MUNICIPAL

São Paulo - 1971.

HOMENAGEM ESPECIAL DO PEN CLUBE DO BRASIL

São Paulo - 1971.

Prêmio UCBEU Tradução para Teatro

Rio de Janeiro - 1974.

Prêmio APCA Tradução para Teatro

São Paulo - 1974.

Prêmio APCA Roteiro de TV
São Paulo - 1977.

MEDALHA DO MÉRITO LITERÁRIO
PEN CLUBE DO BRASIL
São Paulo - 1987.

*Integrou as seguintes Comissões Examinadoras
de Exames de Qualificação:*

(ECA/USP)

1. ENIO JOSÉ COIMBRA DE CARVALHO
Orientando do Prof. Dr. Clovis Garcia,
1983.
2. NARA WALDEMAR KEISERMAN
Orientanda do Prof. Dr. Miroel Silveira,
1985.
3. URQUISA BORGES
Orientanda da Profa. Dra. Myrian Garcia Mendes,
1986.
4. ELZA CUNHA DE VINCENZO
Orientanda do Prof. Dr. Clovis Garcia,
1986.
5. ARMANDO SERGIO DA SILVA
Orientando do Prof. Dr. Jacó Guinsburg,
1986.
6. CARLOS ALBERTO PEZZI
Orientando do Prof. Dr. Miroel Silveira,
1986.
7. SERGIO FARIA BORGES
1987.

8. SONIA GROSSI GUERRA
Orientanda da Profa. Dra. Maria Aparecida Baccega,
1987.

9. JUVENAL DE SOUZA NETO
Orientando do Prof. Dr. Clovis Garcia,
1987.

10. ANTONIO EDSON CADENGUE
Orientando do Prof. Dr. Sábato Magaldi,
1988.

Integrou as seguintes Bancas

1. Comissão Julgadora da Dissertação de Mestrado
SAKAE MURAKAMI GIROUX
Orientanda do Prof. Dr. Sábato Magaldi
Título do Trabalho: "O KYOGEN E AS PEÇAS"
1982.

2. Comissão Julgadora da Dissertação de Mestrado
ANA MARIA DE ABREU AMARAL
Orientanda do Prof. Dr. Clóvis Garcia
Título do Trabalho: "O TEATRO DE BONECOS EM SÃO PAULO"
1983.

3. Banca Examinadora do Concurso de Promoção à
Categoria de Professor Assistente Doutor, de
CARLOS GARDIN
Faculdade de Comunicação e Filosofia
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
1984.

4. Comissão Julgadora do Exame de Dissertação de Mestrado
MARIA SILVIA BETTI CAUMO
Orientanda do Prof. Dr. Decio de Almeida Prado
Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo
1985.

5. Comissão Julgadora da Tese de Doutorado
ARMANDO SERGIO DA SILVA
Orientando do Prof. Dr. Jacó Guinsburg.
Título do Trabalho: "A EAD DO DR. ALFREDO: UMA OFICINA
DE ATORES" - 1987.

6. Comissão Julgadora do Exame de Dissertação de Mestrado

ILÍADA DE CASTRO

Orientanda do Prof. Dr. Clovis Garcia

Título do Trabalho: "A DRAMATURGIA PARA CRIANÇAS EM SÃO PAULO"
1987.

7. Comissão Julgadora da Dissertação de Mestrado

SONIA REGINA GUERRA

Orientanda da Profa. Dra. Maria Aparecida Baccega

Título do Trabalho: "A GERAÇÃO DE 69 NO TEATRO BRASILEIRO"
1988.

Relação de algumas das Comissões para as quais foi nomeada pelos Srs. Diretores da Escola de Arte Dramática e Escola de Comunicações e Artes, de 1976 a 1988.

1. Comissão Especial da Congregação da Escola de Comunicações e Artes, junto aos Departamentos de Artes Plásticas e Música, 1976.
2. Comissão para elaboração do Regimento Interno da Escola de Arte Dramática, 1977.
3. Comissão para exame da situação do Artista na Universidade, 1985.
4. Mesa Apuradora e Receptora nas eleições de representante discente junto à Congregação da Escola de Comunicações e Artes 1985.
5. Mesa Apuradora e Receptora nas eleições de representante discente junto à Congregação da Escola de Comunicações e Artes (Nova eleição) - 1985.
6. Comissão Administradora do Teatro da Universidade de São Paulo (TUSP).
7. Comissão de Ensino de Pós-Graduação do CAC, Escola de Comunicações e Artes - 1986.

8. Comissão para Re-exame do Regimento Interno e Período de Curso, na Escola de Arte Dramática, Escola de Comunicações e Artes - 1987.

9. Comissão Julgadora da Seleção de Professores para a Área Teórica do Departamento de Artes Cênicas Escola de Comunicações e Artes - 1987.

Participação em Debates, Conferências, Palestras, Aulas e Cursos desenvolvidos fora da Universidade de S. Paulo.

1. Ministrou aula sobre o tema:
"Início da Comédia Brasileira e o Romantismo", no
X CURSO PERMANENTE DE LITERATURA BRASILEIRA da
Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes de Santos, em
10/10/1973.
2. Realizou Conferência na
Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Santo André,
sobre o tema "A ARTE TEATRAL", em
21/10/1976.
3. Participou de Debate sobre
"CRIAÇÃO E PÚBLICO DO TEATRO E CINEMA NA AMÉRICA LATINA", na
Fundação Getúlio Vargas, em
18/08/1977.
4. Realizou conferência na
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sobre
"TEATRO DE ARISTÓTELES E TEATRO DE BRECHT", em
05/03/1979.
5. Participou do Ciclo de Depoimentos
"A MULHER: CULTURA E ARTE", no
Centro Cívico da Prefeitura de Santo André, São Paulo, em
09/05/1978.

6. Participou do Seminário de Literatura Brasileira Contemporânea no Colégio Salesiano de Aracaju, Sergipe, de 14 a 18 de novembro de 1979.

7. Participou do Debate sobre "O ESCRITOR BRASILEIRO E O MERCADO EDITORIAL", no Centro de Estudos Trabalhistas, em 13/03/1980.

8. Participou do Debate sobre Censura, a Convite do Conselho Superior de Censura, no MASP, São Paulo, em junho de 1980.

9. Realizou Conferência sobre a "HISTÓRIA DO TEATRO BRASILEIRO", no Departamento de Letras e Linguística da Universidade de Brasília, em 23/09/1980.

10. Participou do Debate sobre o Tema: "O QUE É SER PROFISSIONAL ?" Organizado pelo SENAC, na sua Feira do Livro, em 25/11/1980.

11. Proferiu *palestra* sobre "O TRABALHO DO ESCRITOR", na Escola Técnica Federal de São Paulo, no dia 25/10/1982.

12. Participou da
3ª. Feira de Arte de Aracaju - SERGIPE,
Ministrando Seminário sobre Teatro, entre
22 e 24 de setembro de 1983.

13. Participou de Debate efetuado na
Câmara Municipal de São Paulo sobre a
Escola de Arte Dramática, a
08/11/1983.

14. Ministrou "OFICINA DE DRAMATURGIA", no
Teatro Guaíra, em Curitiba, sob o patrocínio da
Secretaria de Estado da Cultura e Esporte do Paraná, de
21 a 31 de maio de 1984.

15. Integrou a Mesa do Forum
"A CRIAÇÃO FEMININA NA LITERATURA", patrocinada pela
Secretaria de Estado da Cultura, no MIS, São Paulo, a
09/06/1984.

16. Participou como Debatedora, de Mesa Redonda sobre
"O TEATRO NOS BAIROS POPULARES DE SÃO PAULO", no
Teatro União e Olho Vivo, no dia
08/07/1984.

17. Proferiu palestra, sobre a experiência profissional do
Escritor, nas Faculdades Padre Anchieta, em Jundiaí, em
26/10/1984.

18. Participou do 1º Seminário Internacional de Legislação
Comparada, na Assembléia Legislativa de São Paulo, em
22/10/1984.

19. Participou da Organização e Redação de Resoluções do Congresso Brasileiro de Escritores, patrocinado pela União Brasileira de Escritores, em abril de 1985.
20. Participou do "Congresso Internacional de Teatro em Cataluña" realizado em Barcelona, entre 19 e 25 de maio de 1985.
21. Ministrou um "CURSO SOBRE TEATRO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO", na Fundação Educacional da Região de Joinville, nos dias 30 e 31 de julho de 1985.
22. Realizou palestra sobre "A MULHER NO MUNDO DE HOJE", nas Faculdades Campos Salles, São Paulo, no dia 08/10/1985.
23. Ministrou a "II OFICINA DE DRAMATURGIA", no Teatro Guaíra, Curitiba, Paraná, com o patrocínio da Universidade Católica do Paraná, de 02 a 13 de dezembro de 1985.
24. Participou, com um Depoimento, do "SEMINÁRIO DE LITERATURA BRASILEIRA", da 3ª Bienal Nestlé de Literatura, em 07/07/1986.

25. Ministrou aula sobre Teatro na Associação Padre Anchieta de Ensino, em Jundiaí, no dia 23/10/1986.

26. Ministrou um "CURSO DE DRAMATURGIA", patrocinado pela Associação Paulista de Autores Teatrais e Secretaria de Estado da Cultura, em novembro e dezembro de 1986.

27. Participou de Debates sobre "Publicação de Obras Teatrais" na União Brasileira de Escritores, em 09/12/1986.

28. Participou do Debate sobre "Política Editorial", na União Brasileira de Escritores, em 14/05/1987.

29. Proferiu palestra sobre o Tema "A MULHER NA DRAMATURGIA BRASILEIRA", no Arquivo Público e Histórico de Rio Claro, São Paulo, em 05/06/1987.

*Fez parte do Juri de Premiação dos
seguintes eventos, entre outros:*

- 1969 - Prêmio "Independência" de Literatura, do Conselho Estadual de Cultura.
- 1973 - X Festival de Teatro Amador do Estado de S. Paulo, em São José do Rio Preto (Presidente).
- 1973 - Concurso de Textos do SESC/Teatro Anchieta.
- 1973 - Prêmio de Teatro Governador do Estado.
- 1975 - 1º Concurso Universitário de Peças Teatrais do Serviço Nacional de Teatro.
- 1979 - V Concurso de Contos do Departamento de Educação e Cultura de São Caetano do Sul.
- 1979 - 1º Concurso de Contos da Caixa Econômica Estadual de S. Paulo.
- 1980 - 4º Festival Estudantil de Teatro de Tatuf.
- 1980 - Concurso de Poesias da Biblioteca Municipal Adelpha Figueiredo, São Paulo.
- 1980 - III Concurso Literário do MOPI.

- 1981 - Prêmio "POECO" de Poesia, patrocínio do Instituto Mackenzie, de São Paulo.
- 1982 - 5ª Festival Nacional de Teatro Amador de São José do Rio Preto.
- 1982 - 7ª Festival de Teatro Amador de Tatuí.
- 1984 - Concurso de Peças Infantis da Secretaria do Bem Estar Social de São Paulo.
- 1984 - Concurso "Mulheres entre Linhas", Patrocínio da Secretaria de Estado da Cultura.
- 1985 - 7ª Festival Nacional de Teatro Amador de São José do Rio Preto.
- 1987 - Concurso "Cora Coralina" de Poesia, Patrocínio do MINC.
- 1988 - 10ª Festival Nacional de Teatro Amador de São José do Rio Preto.
- 1988 - VI Concurso "Mulheres entre Linhas", Patrocinado pela Secretaria de Estado da Cultura.
- 1988 - Concurso de Literatura Brasileira da 4ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira.

*Palestras, Debates, Cursos e Seminários, no âmbito da
Universidade*

1. Proferiu conferência sobre tema de sua Especialidade, na Faculdade de Letras "Sedes Sapientiae", da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 6 de junho de 1969.

2. Proferiu Conferência sobre "Problemas do Teatro Brasileiro Contemporâneo", junto do Departamento de Clínica Médica do Prof. Dr. Luiz V. Décourt, na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, em 3 de março de 1970.

3. Organizou e dirigiu, juntamente com os profs. Elza Cunha de Vincenzo e Lauro Cesar Muniz um "Seminário de Drama -turgia", como Extensão Cultural, serviço prestado à comunidade pela Universidade de São Paulo, durante o ano de 1973. As sessões realizaram-se no Auditório da Aliança Francesa.
Devido aos seus bons resultados, esse curso teve prosse-
guimento em 1974.

4. Participou, como Debatedora, do II Simpósio de Rádio e TV, na ECA/USP, em 5 de novembro de 1979.

5. Proferiu palestra sobre o tema "Um Poeta na Dramaturgia", no Curso de Pós-Graduação da ECA/USP, disciplina "Mulheres inovadoras no Teatro Brasileiro", ministrado pela Profa. Maria Stella Orsini, em 29 de setembro de 1981.

6. Participou do Simpósio Internacional de História da Arte-Educação na ECA/USAP - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo -, como Expositora, no período de 1 a 4 de agosto de 1984.

Principais atividades desenvolvidas fora do Brasil e ligadas ao Teatro:

1. Em 1959/1960 frequentou, como ouvinte, cursos de Estética, Literatúra, Teatro, na Universidade de Madrid, e no Instituto de Cultura Hispânica, em Madri, Espanha.
2. Em 1965, a convite do Instituto de Cultura Hispânica, visi - tou a Espanha, onde teve contacto com institutos universitá - rios e de Arte ligados às suas áreas de interesse.
3. Em 1966, viajou para a Europa, graças ao PRÊMIO MOLIÈRE que lhe foi outorgado pela Cia. de Aviação Air France.
4. Em 1969, chefiou a Delegação da Escola de Comunicações e Ar - tes da Universidade de São Paulo ao Festival de Manisales, Co lombia. Ali foi apresentada, pelo elenco da ECA/EAD, sua pe - ça "PEDRO PEDREIRO". Como resultado dessa viagem publicou ar - tigo sobre o Festival, no jornal "O Estado de S.Paulo" do dia 24.01.1970.
5. Em 1971/1972 frequentou, durante um mês, cursos especiais na "Faculté des Lettres e Sciences Humaines" da Universidade de Paris - Centre Censier, Sorbonne - Nouvelle, conforme docu - mentos que anexa. Como resultado de sua estada de dois meses em Paris, onde também acompanhou a montagem de "A Guerra dos mil anos" ou "Bella Ciao", de F. Arrabal, direção de Jorge Lavelli, publicou, no jornal "O Estado de S.Paulo" de 03/01/1972 o artigo "Teatro em Paris".

6. Em 1975 chefiou a Delegação de Formandos da Escola de Arte Dramática ao Festival de Palermo-Itália, para onde se levou o espetáculo "VICTOR", de Roger Vitrac, direção de Celso Nunes.
7. Em 1985, convidada pelo Centro de Estudos Brasileiros da Embaixada do Brasil em Roma, desenvolveu um curso/seminário sobre "A Dramaturgia Brasileira", durante o mês de junho.
8. Ainda em 1985, esteve presente ao "Congreso Internacional de Teatro en Cataluña", em Barcelona, durante o mês de maio.
9. Em 1988, durante os meses de março e abril, dirigiu Seminário de Dramaturgia na "Escuela Internacional de Cine y Televisión" de San Antonio de los Baños, Cuba, a convite da Fundação do Novo Cine Latino Americano.
10. Na mesma época, proferiu conferencia sobre "A Dramaturgia na TV e no Teatro", para os alunos do Curso Regular da mesma Escola.
11. Ainda por ocasião de sua viagem, efetuou várias palestras na "Television Cubana" de Havana, sobre assuntos de sua Especialidade.

Pequena notícia sobre RENATA PALLOTTINI

Singelamente, acredito que, ao contar sua própria história, uma pessoa deve ter em vista as razões pelas quais a conta, e também o leitor ao qual a história é destinada. Acrescente-se que, dadas as obrigatórias indicações formais de documentos e filiação, resta sempre, na nossa vida, o principal, que é o recheio.

Aqui, me dirijo a avaliadores do meu potencial, ou seja, da minha capacidade, transformável em ato, de ensinar e transmitir conhecimentos. Discuto muito o significado da palavra "ensinar". Mas, não é o caso nem o momento de falar das minhas dúvidas; sim das minhas poucas e provisórias certezas.

É notável, na minha vida, a guinada que dei, um dia, passando de advogada militante e Bacharel em Filosofia Pura, a escritora, dramaturga e professora de Teatro.

Já disse em qualquer parte que sou do tempo em que as crianças iam ao teatro no colo de suas mães. Provavelmente, a primeira vez que fui a um teatro, tive as minhas fraldas trocadas em alguma frisa e mamei no intervalo. Não me lembro da minha estréia em teatro, como não me lembro da primeira vez que vi o mar, o que é uma pena. Mas sei que conheci o velho Teatro Santana e o velho Teatro Boa Vista, o Colombo, o Casino Antártica e, naturalmente, o radiante Teatro Municipal. Vi Ópera, opereta, canzone di Napoli, zarzuela, revista, comédia, chanchada, drama, tragédia. Vi Dulcina/Odilon, Jaime Costa, Oscarito, Alda Garrido, Mary Lincoln, Virgínia Lane;

e Beniamino Gigli, Tito Schipa, Renata Tebaldi, Mario Del Monaco. Minhas inquietações artísticas me levaram a ir conhecer o velho mito de meus avós, Clara Weiss. E, naturalmente, Teatro Brasileiro de Comédia, Tonia/Celi/Autran, Nydia Licia, Maria Della Costa; acima de tudo, retratos na parede que ainda doem, Cacilda Becker e Sergio Cardoso.

A poesia começou muito cedo; ela vem, a rigor, desde sempre, desde a alfabetização; depois, como estudante, a fase das primeiras tentativas de publicação, que são fruto da necessidade de mostrar e avaliar a resonância que, no outro, provocam os nossos primeiros ensaios. Depois da publicação em jornais acadêmicos veio a insistência; e com a insistência, o primeiro livro, ainda estudante de Direito: um livro frágil, inconsistente, mas que era um sinal válido: não se tratava só do fenômeno das espinhas do adolescente, como se veria depois. Isso aconteceu em 1952.

Mal saída de Faculdade, veio o desejo de escrever coisas outras que não poesia; e por que não o teatro? Escrevi, a pedido, lá pelo meio da década de cinquenta, uma Cena de Natal, para ser encenada por amadores, depois um outro texto, também natalino, em verso, A Estrela, que chegou até a ser mostrado em televisão, por Julio Gouveia, mais ou menos na mesma época. Fiz, também, ainda, a tradução de uma peça venezuelana, de Román Chalbaud, hoje um famoso diretor de cinema na Venezuela: Requiem para um Eclipse. A peça era ruim, e a tradução não deve ter sido grande coisa; mas, era um começo.

É dessa fase, também, a adaptação de Sarapalha, que tanta alegria me tem dado, e me deu desde o início. Feita para um Concurso do Teatro de Arena, recebeu o 2º

Prêmio e um calote: o prêmio era a encenação pelo Teatro de Arena, que nunca a fez, no que perdeu mais do que eu: Sarapalha é, realmente, um grande texto, obviamente por méritos de Guimarães Rosa, e não meus.

Em 1959 ocorreu uma grande guinada na minha vida: tendo recebido uma Bolsa de Estudos do Governo Espanhol, fui para Madri, onde segui um Curso de Literatura, Estética, Teatro, etc. Por ingenuidade e um pouco de medo, não fiz o curso regular, contentando-me em ser apenas ouvinte. Na verdade, hoje sei que apenas deixei de prestar os exames finais, para os quais, aliás, estava até preparada. Mas assim foi.

No entanto, a Espanha me deu uma coisa mais importante do que um simples diploma: ela conseguiu despertar em mim o desejo de, a sério, tentar escrever e me preocupar mais com o Teatro; passei quase um ano assistindo a espetáculos que, se na Espanha eram admiráveis apenas quando encenavam clássicos ou grandes autores da terra, podiam ser únicos, realmente, quando se fugia até Paris, Milão, Londres ou Roma, o que, afinal, não era tão difícil. De Madri, em 1959, mandei para um Concurso em São Paulo, salvo erro, da Caixa Econômica Federal, um texto que se chamava Monólogo Espanhol. Tratava-se de uma peça em um ato, bastante abstrata mas não de todo má, que não conseguiu nenhum destaque.

De volta ao Brasil, em 1960, me dei conta de que a Escola de Arte Dramática, que eu já conhecia e cujos espetáculos de exames públicos costumava acompanhar, ia abrir um curso de Dramaturgia. Era a oportunidade que vinha, junto com o desejo de encetar um novo caminho. Já com alguns livros de poesia publicados, comecei o Curso em 1961 e o terminei, na primeira turma, fazendo a opção que me levaria, como consequência, a abandonar a advocacia e assumir o Teatro, a sua criação e o seu magistério.

Já a essa altura, em 1962, com mais um pouco de poesia publicada e um escritório de advocacia em funcionamento, tinha feito, também, duas experiências para Televisão: os curtos (tele-teatros ou especiais) Tensão e O Crime da Cabra, primeira versão do que, depois, viria a ser uma peça premiada, e minha estréia profissional em teatro. Também, já vira minha adaptação de Sarapalha mostrada em TV, e tinha uma peça em um ato, A lâmpada, depois publicada, encenada por amadores, dirigida por Teresa Aguiar, em Campinas. O teatro e a TV estavam começando, emparelhados, em minha vida.

A Escola de Arte Dramática entrara no meu sangue, e não pude deixar de seguir, em 1963, um curso especial ministrado pelo meu caro professor e amigo Anatol Rosenfeld, cuja perda até hoje lamento. Foi um ano feliz, o último antes da ditadura, ano em que, no meio de mil confusões e protestos, estávamos vivendo as delícias de uma liberdade fruída como se fosse perpétua. Depois vimos que não era.

Em 1964, o professor Sábato Magaldi foi obrigado a deixar as suas aulas de Teatro Brasileiro na EAD e me indicou para substituí-lo. O convite, transmitido por Maria Teresa Vargas e, naturalmente, com a anuência do Doutor Alfredo Mesquita, me pegou de surpresa. Nós todos sabíamos que a Escola não tinha recursos para pagar bem aos seus professores e, portanto, não era aquele um aceno para que eu abandonasse as outras atividades, mas sim que acumulasse trabalhos. Apesar disso, meio amedrontada, aceitei, e enfrentei o desafio. O resultado foi que estou lá até hoje, e, ainda, que esse acontecimento me abriu caminho para a carreira na Escola de Comunicações e Artes, a defesa de tese, a publicação de livros de teoria... coisas que nunca supús que pudesse fazer.

Em 1965, a Companhia de Nydia Licia, por indicação do diretor Carlos Murtinho, resolveu montar o Crime da Cabra. Foi, naturalmente, uma decisão que me encheu de alegria. Depois, vi o que não tinha visto antes, por inexperiência: a peça estreou em pleno dezembro, mês maldito para o teatro em São Paulo, e tinha - também - o intuito de habilitar-se a verbas desde aquela época já destinadas às montagens de textos nacionais. A verba foi menor do que a esperada, e o período era realmente ruim: O Crime da Cabra ficou pouco mais de um mês em cartaz, e foi minha primeira desilusão amorosa com o teatro. Mas se, por um lado, o público pouco acorreu, a crítica não foi má, e o conjunto me rendeu um Prêmio Governador do Estado e, principalmente, um Prêmio Molière e uma viagem à Europa, em 1966.

Em 1968 foi a Escola de Arte Dramática incorporada pela Escola de Comunicações; os professores que lá então lecionavam passaram, portanto, aos quadros da ECA; paralelamente, fui contratada para dar aulas no Curso de Teatro da própria Escola de Comunicações; transformava-me, portanto, em professora universitária. O título acadêmico que viria completar esse processo, eu só o obteria em 1982, quando defendi tese (com um texto original para teatro) e me tornei doutora em Artes.

Mas, antes disso, tive algumas experiências importantes no meu contacto com o mundo teatral: em 1969/1970, fui Presidente da Comissão Estadual de Teatro, sucedendo a Cacilda Becker, num conjunto onde pontificavam Décio de Almeida Prado, Sábato Magaldi, Anatol Rosenfeld; foi um período de bastante trabalho e bons resultados. Também nesse período, espicaçados nós todos, artistas, pelo recrudescer da ditadura e pelo cerceamento cada vez maior do campo da liberdade, fiz uma espécie de adaptação de O Cerco de Numância, de Cervantes:

O Escorpião de Numância. A peça ganhou um Prêmio Anchieta, e foi montada sob a direção de José Rubens Siqueira. Ela dava mostra das minhas preocupações daquele momento: a resistência, a solidariedade, a vitória sobre a opressão. Eu colocava lado a lado o exemplo de Numância e o exemplo de Cuba, sem citá-lo; Numância estava longe e datava de muito tempo, a revolução cubana era um assunto proibido com apenas dez anos de idade.

Nessa época, voltei a trabalhar textos de Guimarães Rosa para encená-los em teatro; gosto ainda do script, embora não tenha gostado muito do resultado cênico. Comecei a escrever, também, nesse período, uma das minhas peças mais queridas: Enquanto se vai morrer..., baseada na minha história pessoal e na história da Faculdade de Direito de São Paulo. Em 1972 essa peça seria totalmente vetada pela censura. E começaria aí, acho eu, um novo período de minha atividade teatral, período marcado pelos desencontros, pelas impossibilidades, pelas frustrações. Em todo esse período, a única obra minha que me parece ter sido levada com êxito à cena aconteceu fora do eixo Rio-São Paulo; foi Colônia Cecília, em 1984, em Curitiba, Paraná, com direção de Ademar Guerra. Foi, talvez, a única oportunidade em que vi uma obra minha crescer e se concretizar de maneira ideal quando posta em cena.

O trabalho em televisão, começado nos anos sessenta, nunca parou, e me tem dado alegrias e resultados materiais; fiz algumas telenovelas, sozinha ou em colaboração, programas infantis, programas de divulgação de poesia, adaptações, colaboração em séries, especialmente nos vitoriosos Malu-Mulher e Joana. Agora, surge um novo desafio: o roteiro de cinema, curiosidade nascida da experiência cubana.

As atividades no magistério têm prosseguido :

fiz parte da Congregação da ECA, como representante de meus colegas Mestres, numa fase difícil de convivência com o Poder; dirigi a Escola de Arte Dramática por dois anos, anos também árduos porque inseridos na fase da Ditadura e da Censura de toda a espécie. Prossegui nos trabalhos normais em graduação, e comecei um novo processo, em Pós-Graduação: o de orientar, tarefa assustadora e emocionante ao mesmo tempo.

Os livros se sucederam, os anos também; ocorreu a chamada Abertura e, realmente, um afrouxar de Censura e Arbítrio. No entanto, a essas vantagens contrapuseram-se problemas outros, que transformam, hoje, a montagem de textos teatrais, como alguns dentre os meus, por exemplo, cheios de acontecimentos e de personagens, num evento impossível.

No entanto, a despeito de tudo, continuamos todos a lutar e a trabalhar, da melhor maneira possível. Os alunos demonstram afeto, os leitores também; os especiais de televisão correm mundo, chegam-me traduções de textos meus em inglês e alemão. Alemão! Que estranho.

É a maturidade; que nos obriga a pensar em progresso, sim, em estabilidade também.

Surpreendente, no entanto, que isso venha de par com uma nova visão de mundo social e político, com uma tranquilidade maior em relação à concorrência e ao sucesso artístico, e com um recrudescimento do fazer poético.

Assim encerro, portanto, esta pequena notícia do que sou hoje.

No que chamei Arte Poética, e que resolvi organizar como parte deste Memorial, pretendi dar uma ideia do que tenho feito ao longo da vida, na Poesia ; mas tambem enfatizar os poemas que dizem da própria Poesia, das minhas perplexidades em relação ao Social e, ainda, aqueles que foram escritos sobre o Teatro e sua gente.

* ARTE POÉTICA *

CHÃO DE PALAVRAS

Curvó-me e mergulho os dedos
neste chão de palavras.
A terra soa.

Foram-se meus breves anos, Senhor,
e agora é a Vida
e seus longos caminhos.
Como prosseguir sem novos verbos,
se os sentimentos são outros
e a carne é recente? Às vezes
a mão suprime o Tempo
e as linhas murcham.

Que as folhas, dúbias folhas
são sussurros.

Somente a voz, antigo Deus,
é a mesma. Somente a
tua criatura - voz - persiste a mesma.
As veias e o seu sangue
e o longo projetar-se dos cabelos
hoje florescem ritmos diferentes.

E diferentemente aspiro
à forma, Senhor.

Quero enterrar-me autêntica
no teu chão de palavras.

(O MONÓLOGO VIVO, 1956)

O SANGUE DAS PALAVRAS

As palavras vêm saltando à minha procura
 e tenho que sujeitá-las ao freio da Impaciência,
 e tenho que domá-las como aos cavalos selvagens,
 eu, que também sinto dentro de mim um impulso de árvore
[em crescimento!

Escolham seu lugar, pequenos ramos da minha ansiedade!
 coloquem-se em fila como os disciplinados filhos do
[Homem.

Não posso mutilar uma de minhas palavras: ela ficaria
[a escorrer sangue;
 não posso mudar-lhes a ordem. Elas se sentiriam órfãs;
 as minhas amadas palavras se sentiriam espúrias
 e eu tenho medo da sua loucura infrene.

O que se conservará lúcido, no mundo, quando as
[palavras enlouquecerem?

O que será puro, no mundo, quando as palavras se
[abastardarem?

Elas são as únicas herdeiras da alegria do mundo,
 o único apoio que arrimará os passos do Homem
 quando ele caminhar para o Último Abrigo.
 As palavras de bronze, as sonoras campanas do desgosto!
 As palavras de prata, os escarninhos guizos do
[regozijo!

(principalmente as palavras de carne, lacerados pedaços
[de angústias...)

Resta-me domá-las. Mas que imensa saudade
 do seu livre saltar por entre as auras do Impossível!

(O MONÓLOGO VIVO, 1956)

O FÉRETRO

(A Affonso Schmidt)

Esse
descansou.
Já não lhe faz falta o dinheiro,
não sofre por amor,
não teme as injunções do momento atual.
Está quieto.
Ninguém lhe baterá na porta, para saber o que ele pensa.

Já não pensa.
Está fechado e silencioso, não tem medo de nada,
os amigos não o trairão, não lhe farão mal os inimigos,
ele é sozinho e completo
como alguma coisa que vai ter à terra.

Também, já não lhe dá que destruam seus livros,
aqueles subversivos, perigosos livros
que lia ardente ou manuseava devagar.
Agora ele já lê o texto da face de Deus,
sabe todas as respostas
e conhece a verdade.

Está ciente de tudo
e não se importa mais.

(A FACA E A PEDRA, 1965)

O GRITO

Se ao menos esta dor servisse
se ela batesse nas paredes
abrisse portas
falasse
se ela cantasse e despenteasse os cabelos

se ao menos esta dor se visse
se ela saltasse fora da garganta como um grito
caísse da janela fizesse barulho
morresse

se a dor fosse um pedaço de pão duro
que a gente pudesse engolir com força
depois cuspir a saliva fora
sujar a rua os carros o espaço o outro
esse outro escuro que passa indiferente
e que não sofre tem o direito de não sofrer

se a dor fosse só a carne do dedo
que se esfrega na parede de pedra
para doer doer doer visível
doer penalizante
doer com lágrimas

se ao menos esta dor sangrasse

(A FACA E A PEDRA, 1965)

ALGUMAS FANTASIAS SOBRE A MORTE

À memória de
 Cacilda Becker
 Alberto D'Aversa
 Telcy Perez

I

Faço as inquirições de ser e morte e não respondo:
 sou pouco para o largo desse campo.

Olhos os verdes do templo e indago e não respondo.

Também as vozes que se alongam pela nave,
 penso, não nos respondem. Se calamos
 é por cansaço e sombra, é por temor da morte,
 a grande irrespondida, a mais calada.

Faço o palpar do pulso e ainda não ouço,
 meu saber dessas coisas tão pequeno.
 Quem pode haver do coração a mágoa
 surda, como os ruídos dentro d'água?

Se pára o coração, caminha a morte.
 Não há quem me responda de outra sorte.

II

Onde está quem não está? Onde, no ar,
 está quem já se foi? No ar? Na relva?
 Onde a semente está, há alguém? Alguém há sempre?

Onde estou eu estarei ^{eu} somente?

Onde estou eu, Amor está, semente.

Mas a quem já não está, Amor não salva.
 Quem já não está jaz numa tábula de prata.

Uso palavras como pedras como beijos
meu amigo morreu
falando de esperança

Eu ensaio lutar olhando a rua
as árvores
o verde de suas folhas sobre o rio
O amigo era
de largo peito e profunda alegria

Olho a manhã com lágrimas nos olhos
as árvores depois as sementes
o amigo

Eu não bebi bastante o vinho do seu riso
não me lembro do gosto de sua pele
mas penso - por que não - construir-lhe um jazigo
onde ele sentado sobre a pedra
a sorrir convidasse os passantes a ouvi-lo
a ouvir o meu amigo...

As árvores
 depois suas folhas
 seus filhos
o amigo e seu perfil desdobrado no rio
vejo o barco e os reflexos
 o amigo
morreu quando esperava ter chegado à vida

Eu uso versos como gritos
 como espadas
Mas amava esse amigo
 e não sabia nada

IV

Dois vagabundos esperam godot dentro de um campo.
No fundo a árvore nua marca uma forma negra.

O largo branco do cenário engloba a perplexidade,
ao longe a morte é uma presença que se esgueira.

Dois seres desconjuntados esperam juntos ombro a ombro;
por vezes um ao outro esperam e procuram.
Olham o céu e esperam, dormem um pouco e esperam
até que se separam como se fossem reencontrar-se.

Mas tudo falha e eis que um vagabundo
espera a morte no campo branco do seu leito.
Ao redor a vastíssima cidade sufocada,
acuada, agachada ante a morte vacila.

No leito o vagabundo espera a morte estático.

No campo da cidade espreitamos a morte,
espreitamos o Deus, o fim, o significado,
a árvore negra, a forma, o marco, esperamos o dia
na longa noite em que esperamos a morte.

Dentre os dois vagabundos luta um, desesperado,
por encontrar godot em nosso nome.
Nós lhe damos poderes, procuramos com ele,
tememos e ansiamos que ele encontre o que busca.

Mas eis que de repente há a morte coletiva.
Mil seres desconjuntados caminham ombro a ombro.
Olham o céu e esperam, dormem um pouco e esperam,
na longa noite a vida em que esperam a morte.

Olham a terra e esperam, cavam a terra e indagam

E olham o céu, onde talvez se haja plantado uma mensagem.

V

Toda a tumba floresce.
Na pedra rosa uma palavra.
E basta.
É imperioso deter-se.
Mesmo quem não provou de sua graça

pára e interroga as coisas do destino;
e espera sem resposta.
E mira as flores mansas derramadas
pela suave encosta.

É bom o entardecer cheio de pássaros
com suas vozes puras.
É bom lembrar aquela voz que havia
tocante
áspera
crua.

Toda a tumba floresce.
Da pedra rosa um nome surge
e basta.
Na tarde inscrito, assoma
e calmo permanece.

Fímbria que nos ficou de sua graça.

(OS ARCOS DA MEMÓRIA, 1971)

A LEVE...

Por que é que a simples atitude
não traz de volta a leve, alada,
despreocupada juventude?

Imito o gesto e a risada
e mais a volta do cabelo.
Mas nunda mais terei aquele

lépido impulso para o salto,
ligeiro vôo para a frente.
O que me falta, em que me falto?

Por que envelheço, de repente?

(OS ARCOS DA MEMÓRIA, 1971)

POÉTICA (I)

Na sala quieta um halo.
No seu círculo a mão que escreve, a página.
No escuro os olhos,
fonte do depoimento necessário,
loucura a que se dá forçosa guarda.

Depois de tudo, a fala produzida.

Fora, como rival invencível, a vida.

POÉTICA (II)

Descer até o fundo
e quando o sentimento
esteja o mais maduro

provocá-lo e ferí-lo
para que a voz aflore

mas sem meias medidas
sem cautela e sem pena:
assim o Poema.

(OS ARCOS DA MEMÓRIA, 1971)

O NOME

De que vale dizer o nome,
e mais, pensá-lo? O nome
apenas chama, não
aquece e nem consome.

O nome não promete
nem faz presente o amo.
O nome serve só, ah,
para o reclamo,

para a voz que reclama,
só para o grito.

Nome: apelido posto
para finir o infinito.

(OS ARCOS DA MEMÓRIA, 1971)

ESCREVER...

Escrever
palavras.
Pôr um traço de giz
na noite alta.
Pôr a lua
na tua
mata de faias, paisagem.
Escrever porque viva,
de passagem.
Recortar silhuetas
de palavras;
desenhar com as letras
coisas bravas
que não podem ser ditas
(nem pensadas).
Escrever
as chaves.
Só depois
ver o que abrem.

(NOITE AFORA, 1978)

O ESCRAVITOR

(Ao terminar um capítulo de telenovela)

Se das palavras não tirar mérito
farei o que me ordenam
recolherei o dinheiro que me pagam
e com esse dinheiro hei de plantar flores
e uma casa de cachorro.

Mas se das palavras não tirar mérito
terei perdido a vida e tudo o que amava.
E nunca mais poderei fazer o poema desejado,
o poema livre e igual à minha vontade
bonito como um navio.

(NOITE AFORA, 1978)

DEFINIÇÃO

Não ser feliz,
não ser desesperado.
Lutar no campo da clareza,
saber que é inútil.
Amar com toda força a cada vez,
em nome do Amor que não houve.
Ser honesto com os outros;
esperar que Deus seja honesto.
Viver
olhando o mar,
os olhos do cachorro
e o quente coração feminino,
terra úmida
de onde proviemos.

(NOITE AFORA, 1978)

CONFLITO DE GERAÇÕES

O que os pais querem dos filhos
basicamente
é que vençam na vida
andem decentemente vestidos
e não chateiem.

O que os filhos querem dos pais
basicamente
é só que não chateiem.

(NOITE AFORA, 1978)

POÉTICA PARA O POVO

Eu me proponho escrever o Poema
eu te convoco e peço uma pena
prometo dar o sangue
se deres a palavra
prometo dar à luz
se me deres a alma
prometo dar um grito
se me ferires a faca

de tudo isso há de sair o Poema
palavra, sangue e faca
um riso na garganta, uma exigência
de espaço.

(NOITE AFORA, 1978)

LIBERDADE

para o Almino

Um pássaro voou no vidro do meu carro
não sei se dentro ou fora
mas isso não me importa

só me importa o seu vôo
a garganta do pássaro, sua voz a despeito de tudo
a cabeça, de frágil construção, fendendo o espaço

me importa o seu anseio
palpitação indefinível que ele mesmo não sabe
e pela qual morreria

(NOITE AFORA, 1978)

CORAÇÃO AMERICANO

Aos

"meus companheiros de sala"

Almino Affonso

e Plínio Arruda Sampaio

1

Tombou sobre as cúpulas
sem forma
aos poucos penetrando com suas cinzas
as pedras e os beirais e as próprias pombas
foi tomando de úmido
o que era só frio
pois pelo alto chegava
e quase de repente os vitrais embaçava
foi conhando pessoas
pálidas e com olhos de fadiga
e as foi cercando com seus braços grossos
que se diluíam e de novo condensavam
armas daninhas de nenhuma identidade
mas incansáveis
e fomos vendo que ninguém nos salva
fomos sentindo que este peso é muito
que não somos capazes
Senhor faz de nós qualquer coisa
alguma coisa que seja tua para sempre
que te pertença
qualquer coisa menos isto que agora calados somos:
gente com medo.

2

Estamos todos cansados
É de tarde e o céu escuro cai
o chão de asfalto pesa
temos amigos
é como se pudéssemos falar
e como se pudéssemos sorrir
Mas já não sabemos nada
Um grande dedo aponta direção desconhecida
Estamos perdidos
e muito cansados
Os amigos consultam-se com olhares
as palavras são curtas e a angústia
muita
Nem a música pode o que podia
Vemos os quadros azuis e por vezes o mármore
olhamos o campo verde emoldurando cinzas
estamos aqui calados olhando e tristes
e duramente e infinitamente
cansados
Quem há de delatar
quem há de resistir por forte e quem
sucumbirá depois de algumas lágrimas?
quem será traidor quem o herói!
A quem havemos de encontrar um dia
marcado a ouro na rua?
Quem está degradado em seu ofício
quem desterrado e puro
a quem enviaremos nossas cartas cifradas?
Para quem os cifrões?

3

Todos partiram:
os que liam
e os que escreviam.
Os que sorriam
e os que calculavam.
Os que brilhavam
e os que sofriam.
Todos foram de partida.
Mudou-se a vida.
Hoje estão vivos
os que se calam.
Os que concordam que estão concordes.
Quando se acorda
mandam dormir
quem nos acorda.
Partiram os que cantavam
e os que cantando despertavam.
Partiram os que falavam
e que falando explicavam.
Partiram os que lidavam
com brinquedos de palavras;
e que brincando ensinavam.
Partiram. E no entanto
havendo gente de menos
o mundo ficou mais apertado.

4

Ficção científica.
Faz um livro de ficção científica
e esquece.
Telenovela.
Escreve logo uma telenovela.
E esquece.
Introspecção.
Faz a introspecção e a masturbação.
E esquece.
Resistência carnavalesca.
Entra no campeonato
bebe e esgota o peito
canta e seca o hálito
e cai na rua como um trapo.
E esquece.

5

Aos poucos o homem fraqueja
e lentamente agoniza
antes da sepultura.
Seu epitáfio é composto,
longamente meditado
muito antes de feito o túmulo.
Outros homens, como a estátua
que ornamentará seu leito,
fazem sua morte.
E muito antes,
como a fizeram, precisos,
sua vida determinaram.
E o homem adormece
sem nunca haver suspeitado,
sem haver lutado nunca.

6 (VALLEGRANDE)

Nas verdes colinas há um silêncio de morte.
Entre árvores, pássaros, moradas
um silêncio que veio se acomoda.
Surtem as fontes de água,
caminhos de homens sós, passos, picadas,
entre pássaros, fontes, emboscadas.
Nas montanhas mais verdes a morte está plantada
e o céu que ali se estende não se estende por nada.
Se alguém ali morreu, pouco importa quem seja:
foi um homem quem morreu com seus olhos de estrelas,
sua barba e seus cabelos, sua boca e seus desejos.
Um homem morto apenas e não morto por nada
entre árvores, pássaros, fontes, emboscadas,
a caminho das últimas, indistintas moradas.

(CORAÇÃO AMERICANO, 1979)

MENSAGEM

Conta ao teu filho, meu filho,
daquilo que nós passamos;
que havia fitas gravadas,
retratos de corpo inteiro.
Conta que nos encolhemos
como animais espancados;
que ninguém teve coragem,
que respirávamos baixo,
olhos fugindo dos olhos,
as mãos frias e suadas.
E conta que faz dez anos,
que temos pouca esperança,
que pedimos testemunho
e não aguentamos mais.
Talvez teu filho, meu filho,
viva em mundo mais aberto,
mas é grave
que lhe contes calmamente
e nos mínimos detalhes
a história desses punhais
cravados em nossas tardes.
Porém se por tudo isso
renuncias a ter filhos
como (alguns) renunciámos,
deixa inscritos como eu deixo
sinais em troncos de árvores,
letras em papéis esquivos
para que não escureça
esta lâmpada mesquinha,
relâmpago, fogo fátuo,
pura lembrança dos dias
em que livres fomos filhos
de pais muito mais felizes.
Conta a quem possas, meu filho;
o que em ti forem palavras
nos outros serão raízes.

SIMPOSIUM

1

Não há dor que mereça o ser exposta:
nega-te ao sacrifício da confiança e ao dever frio
da consulta médica.
Melhor seguir o curso da loucura.
Um caminho sangrante, estrada árdua de terra,
te espera, como outra jornada;
que podemos fazer? É fácil ser feliz.
Podes chegar amanhã depressa à praça,
ouvir o canto dos pássaros e tudo o mais.
Talvez te seja dado ver as flores dos outros,
o cântico dos outros, os amores dos outros.
Mas que? Acaso te foi dada outra vida que não a tua?
Acaso és filho de mais alguém, que não teus pais?
E se tens de sofrer, não é teu o sofrimento?
Quando tiveres pronta a alegria, quererás reparti-la com os outros
Ninguém mora por muito tempo em casa alheia.
Engravidada de tua vida, engravidada de tua dor.
Não a cultivarás por certo, mas ela se cultivará
a si própria, e dará flores, como tudo.
Serão tuas, as flores.
Mas principalmente, não descrevas a ninguém o seu processo;
como os amores, as flores devem crescer em segredo.
E que não se conheça o adubo que as possibilita.
O outro homem é o outro homem.
Estás só como quem mais.
É bom, ser só, pelo menos por algumas horas,
e se estas horas se prolongam, isto acabará por ser muito bom.
Estás mais só do que os outros,
porque vives como se estivesses acompanhado.
Antes a solidão pura das pedras.
O outro homem é o outro homem e não sabe nada.
Cresceste acompanhando a vida quente do povo da rua.
Esse fervor sacrificado, essa febril perseguição
prosseguem.

E o povo da rua te pergunta e não sabes responder.
No frio ardor da madrugada caminhas tonto
as ruas como páramos e desejas os páramos,
os ramos como longos corredores e desejas um canto
absolutamente silencioso
onde esconder tua sede de silêncio.
Cala-te cada vez mais, e um dia serás mudo como um deus desesperado
Quem te deu esse trabalho que hoje fazes?
Sabes bem que não é esse o teu trabalho,
conheces bem o teu serviço, mas estás impedido de fazê-lo.
Quem te manda fazer o que não sabes?
Quem te impele a ganhar a vida mentindo?
Podias fazer sapatos, ou esquadrias, ou livros.
Fazes mentiras.
Não há ouro que mereça a pena de ser ganho.
Olha: quando tens fome, é de pão que tens fome;
quando tens frio, aceitarias a lâ.
Mas tudo isso de fato e simplesmente.
Por que contas ao outro a história de tuas misérias?
Que silêncio é esse que persegues com palavras?

2

Mais uma vez, na rua tranqüila, estamos reunidos.
Tremem as mãos, e as folhas verdes sussurram. Elas ainda dormem,
ou estão quase dormindo. As aves são mais lestras,
pois sabem que o amanhã é breve. A rua leva
a uma praça embuçada e quieta. Entre barbas e cílios
fumam os homens e as mulheres fiam.
Mais uma vez nos dizem que não somos nada
aqueles a quem tudo confiamos. A política,
como alto exercício, em fina flor, roçamos.
Do sumo de seu trono alvas vozes pipilam,
o ministerial silêncio sobrevém. Sonhamos
que estamos vivos num país humano
onde se falas a alguém falas e ouvem.
E se ouves é porque algo te foi dito.
Mais uma vez a exílio te condenam.
Que mais? Ninguém te ouve. É tarde. Parte.

Por sobre o muro
voa a lembrança de um amor que houve
uma visão passada e deslocada
que tenta ultrapassar o muro e do alto
proclamar-se intocada.
Mas as garrafas incendeiam tudo
e as palavras
tornam menos urgente o amor antigo
e mais urgente o aviso:
esta é a guerra das guerras
guerra civil dos que foram amigos.
Por sobre o muro
espio com espanto o pátio incendiado
os jovens que se atingem entre lágrimas
os feridos e os gestos e os detalhes.
Minha cabeça ponho sobre o muro.
É uma cabeça desligada do seu corpo
como a cabeça de um guilhotinado
de olhos abertos.
Com meus olhos abertos sobre o muro
vejo o sangue e a fumaça da contenda.
Não posso distinguir qual dos lados do muro
é o mais claro, o mais limpo, o mais certo, o mais justo.
Meus olhos na cabeça decepada,
buscam ansiosamente sobre o muro
o caminho mais curto, a razão mais sensata,
ou pelo menos a mais desinteressada.
Meus olhos, na cabeça desnorteada
procuram com inútil desespero
a arma de lutar, a faca de se defender,
o punho de atacar.
Na cabeça infeliz meus olhos são culpados
de verem o que aos mortos foi negado.

5

E no entanto era bom andar na rua calma.
sentir o cheiro de carvão das casas aquecidas
quando o inverno era um manto de silêncio.
De todo o coração eu recebia aquele tempo estável,
a ausência de notícias, a ausência de perguntas,
o vinho sem disputas na taverna do bairro.
Então eu me sentia de outra idade,
entre muros altíssimos e pontes que se fechavam:
a proteção provinha do castelo.
Então eu era um ponto na paisagem dada,
todos sabiam tudo e eu, pobre coitada,
não tinha que saber nem entender de nada.
Amor como um direito, pão como um direito
e calor para os versos quando vinham.
Não penseis que é prazer testemunhar o amargo,
ser portador de tristes novas, ser o pulso
onde bate todo o sangue derramado.
Não penseis que há conforto em ver o mundo
terrivelmente aberto em duas metades,
em ter que ser à força de um dos lados
e ter que ser expulso do outro lado.
Eu tinha então a límpida esperança
de que a terra era a Terra, e que o homem, à mesa,
podia, entre dois copos, dizer sua palavra.

6

Há um instante em que o certo é vasar os dois olhos
e recusar-se à visão do infortúnio.
A desgraça interior é o que basta aos inúteis.

7

Não rimarei a palavra autoridade
com a inseqüente palavra crueldade.

8

Subversivo e perverso
morre um jovem na rua.
Uma bala varou seu crânio perigoso
e seus braços, que ameaçavam a paz
estão inertes.
Tinha os olhos abertos para a visão da vida
e com eles, por certo, era capaz de grandes crimes.
(Tivera só vinte anos para cometê-los.)
Agora estão fechados os seus olhos.
Os pés, que pouco tinham caminhado
eram, naturalmente, mensageiros do mal.
Estão cortadas suas asas tenras.
As palavras desprezíveis que não disse,
quem nem sequer murmurar pode,
foram-lhe devolvidas pela morte.
Como se pode ver, foi refeito o equilíbrio.
Podemos todos dormir sem sobressalto,
alheios ao que faz do mundo a guerra,
solenemente longe e amplamente ignorando tudo.
Ah, quem pudera
ser o eterno estrangeiro, o ausente vivo em sua terra!
Julgar com vãs palavras a vida circunstante,
e não sentir no âmago essa morte,
não ter as mãos debaixo desse sangue!

9

Esse amor frio, proposto nas alturas
de um vigésimo andar ao som de qualquer música,
pré-bebido com gelo e preparado
a que ponto te atrai? Em que passo te sentes
conviva do festim com vinho e flores
e a luz das tochas e a vida com seus suores
e os ruídos, e a humana companhia?
Não te agrada a visão reclinada e confusa
de comensais e sua gula clara?
E se chovesse agora não sairias,
homem perplexo, a lavar-te nessa chuva?

POEMA DA RUA DOS INGLESES

Contemplando a escada nua, banhada de luar
e os tetos chatos, e a cidade ao longe,
mesmo sob as árvores a vida me parece uma mentira
e toda luta um grito não articulado.
Os jovens se rebelam mas seus cabelos crescem,
seus braços sentem frio e o sexo é uma constante.
Nessa rebelião o sexo é uma constante.
Penso que o amor é como olhar esta lua e ter pena,
olhar os moços com frio e os tetos planos,
beber vinho e ter amigos, isso é amor.
Penso que a luta deles é uma forma de coito
e não é essa a luta que eu quisera.
Às vezes sua luta é uma forma de lucro.
Se ignoro que isto me dá asco, então não me conheço.
Eu queria uma luta da palavra,
da desgastada liberdade,
do longínquo direito de ser digno.
Depois de feito todo o trabalho, dormiríamos uns com os outros,
e a cópula eventual seria doce.
Não quero para mim esse amor como descarga,
nem menos esse heroísmo como descarga.
Para entender-nos, falaríamos uns com os outros,
e ninguém seria proibido de ouvir.
Diríamos no entanto o que fosse preciso,
sem o mel das palavras, sem o fel das palavras.
Diríamos apenas o que fosse essencial
e contemplaríamos o silêncio, como eu contemplo agora
a escada nua e longa, banhada de luar.

1970

(CORAÇÃO AMERICANO, 1979)

VIVADEUS

A

Zecarlos Andrade

e

Chico Medeiros

Deus é morto. Viva Deus.
 Sangre Deus; que Deus se desfaça;
 que ele renasça, se pode,
 que Deus surja de onde se esconde.
 Que ele estoure da História,
 ou da Igreja, se ali esteja.
 De Marx, se ali ele jaz,
 de Freud, se é que pode.
 Viva Deus, que Deus renasça
 disfarçado como possa,
 sem mácula e sem jaça
 ou poluído, ou sujo, ou isso.
 Quebre-se Deus, que ele se parta
 qual os cristais das portas
 fechadas, sempre fechadas;
 abra-as Deus, alvo e meta.
 Possa o Deus até ser calvo,
 não seja belo nem branco
 seja ele a linha reta
 que em nossas mãos entortamos
 seja Deus ensanguentado,
 feminino, semeado,
 púbere, fértil, materno,
 abeterno, eterno, interno.
 Deus é morto. Adeus. A vinda
 nova de Deus é saudada,
 a vinda de Deus será linda
 com a lindeza da Liberdade,
 a contra-lindeza da saudade
 a anti-lindeza da nostalgia,
 a safadeza da alegria;
 e todos os adeuses a todos os deuses
 da tortura e da tirania.

1972

(CORÇÃO AMERICANO, 1979)

CANTAR MEU POVO

Para a Ana Luisa

Cantar meu povo é como
 aplacar as feridas de um cachorro
 cachorro que sou eu,
 que é ele
 somos
 duramente feridos
 na carne e no espírito.

Cantar meu povo é cantar o contraste
 entre meu povo e eu, as duas aspas.
 Ele gosta como eu de bola e cama.
 Eu, porém, acidente de nascença,
 vejo televisão colorida e descanso.
 Ele pasta e se coça.

Cantar meu povo
 é amá-lo e tentar não sentir culpa
 porque de culpas nunca saem cantos
 nem trabalhos devidos
 ao meu povo.

Cantá-lo não é só cantar, opus diário,
 mas defender seu campo na garganta
 e botar pra quebrar o que está bambo.
 Cuidando
 pra que não venha junto o osso
 o pranto
 que meu povo derrama
 nos seus dias de drama:
 o dia de morrer o filho, o dia
 em que não casam os casos da novela
 o dia em que não basta
 a fome para o gasto.

Cantar meu povo é como
afagar na carteira a última nota
que se vai com a brisa
promissória.

Cantar meu povo é tentar entendê-lo
porque ele fala torto e cheira e está errado.
Estar errado é franquia do povo
porque acertar fadiga e ninguém é de ferro.

Cantar meu povo é não chorar quando ele morrê,
também não maldizer as águas de uma enchente
o fogo de um incêndio
ou de uma febre
porque água e fogo em si não são agentes
da morte, a que é comprada em transações de gente.

O Povo: essas pessoas que não sabem
o que eu penso que sei que é saber.
O meu povo
que eu desentendo e tento interpretar.

O povo que anda a pé; que come pouco;
que dorme mal; que mora longe
e dorme pouco e mora mal
e anda longe e dorme em pé
e vive pouco. E morre louco.

O povo.

Cantá-lo é descobrir seu lado negro e sonso
coçar sua cabeça se ele dorme
entender os seus grilos
se ele canta.

Cantar não é contrário a fazer; ao contrário,
cantar é mais fazer, porque descobre
de sob o cobertor da fala
o lado podre
do discurso balofo do mais forte.

Cantar o povo, o meu povo: decote
rasgado a faca na garganta de quem canta
com uma fita vermelha - amor - por laçarote.

(CANTAR MEU POVO, 1980)

DE REPENTE A CERTEZA...

De repente a certeza
da extrema solidão.
Três amores (são quatro)
a vida e seus compassos
um canário e um cão.

Nada é meu, nunca foi.
O que sempre doeu
ainda dói.

(CANTAR MEU POVO, 1980)

ARTES GRÁFICAS

Quanto papel bom pra se escrever poesia!
Nele está impresso o livro de um homem rico,
livro cheio de gravuras de boa qualidade.

Os versos ali impressos falam em gazelas
e tem versos que são até em francês
embora o escritor tenha nascido no Brasil.

O livro é grande e branco
as letras são grandes e bonitas
as margens largas e acetinadas.

Quanto papel bom pra se escrever poesia!

(CANTAR MEU POVO, 1980)

BURITI CRISTALINO

Para Lamarca e outros

Ele andou por três dias
na caatinga.
No quarto dia ajoelhou
de fome.
No quinto adormeceu ao pé da baraúna.
No sexto foi encontrado
e metralhado pelos guardas.

E no sétimo
descansou.

(CANTAR MEU POVO, 1980)

NO TBC, DE NOVO

Cacilda:

custou trabalho juntar estes nomes
chamar estas gentes
brigar novas brigas.

Custou angustia em mim
- mas sempre custa -
sonhar a tua festa
e desenhar um rito.

Pensamos flores, músicas e letras.
Teus sessenta e três anos
aparecem tão puros, tão possíveis!
Nossa luta de hoje prá sair do buraco
seria bem mais rica se você estivesse.

E pronto: você está!
Valeu a pena pôr o amor na liça
telefonar todos os telefones,
ouvir que sim, que não,
fazer a tentativa.

Diz que contigo tudo é mais difícil.
Pode ser. Mas eu digo
que contigo, Cacilda, tudo é mais sensível,
e mais sofrido
e muito mais bonito.

9/4/1984

UM DIA DE MARÇO

No alto da página
um dia de março.

Outono
o frio amável
os meus sapatos pretos.

Amando a professora
e o menino de óculos
passava entre carteiras
e emoções.

A parta era de couro
o cheiro era de tinta
o corpo era sem mácula.

O dinheiro, o cansaço, a mágoa
não havia.
Só havia uma árvore inchada de seiva
o futuro infinito, a esperança verde

e o primeiro dia de aula
um dia de março
no alto da página
absolutamente novo.

(AO INVENTOR DAS AVES, 1985)

CULTURA

Faz parte da cultura
de um povo
a arte pura
o mel da sua doçura
a crença em Padre Cícero
no Bom Jesus da Lapa
ou no de Pirapora.

Faz parte da cultura
de um povo
esta amargura
que une os que sofremos
o mal de não ter fome:
a nossa imensa culpa
nos come.

Faz parte da cultura de um povo
a ligação
que vai de irmão a irmão;
o que sofre e o que não
a carência e a fartura.
Guerra de capoeira
santos da devoção
orixãs de terreiro
canção.

A palavra, a pintura
a pedra
a construção
são parte da cultura.

Porém a quanta sede
resistirá um cérebro?
Porém quanto é que pesa um pesadelo?
Quanta tristeza mata
o sorriso e a alma
quanto tempo há num homem
antes da morte?

Faz parte da cultura
de um povo
 a sua altura
de um povo
 o seu poder.

Cultura é o que é
e o que pode ser.

A cultura de um povo
é esse sofrimento todo
e a alegria de um dia
o povo renascer.

(AO INVENTOR DAS AVES, 1985)

Em tudo havia um teatro
sempre houve um teatro
alí nasceu o teatro

A praça
e o teatro
a colina
e o teatro
as festas
no teatro

Em tudo o que se vê
se vê o teatro
O teatro é aquilo que se vê
o lugar de onde se vê
o lugar que é visto

O teatro é o que se faz
como se já estivesse feito
De novo, cada vez .

1988

* * *